

“QUEM NÃO GOSTA DE BREGA, BOM SUJEITO NÃO É”: UMA ANÁLISE DA ESTÉTICA DO BREGA A PARTIR DA BANDA LUÍSA E OS ALQUIMISTAS.

PÖRSCH, Giovana L. de M. ¹

FERRARI, Julia ²

RESUMO

O presente trabalho objetiva pesquisar a relação entre a música brega e seu vínculo à moda. De origem nordestina, o brega apresenta a moda periférica de forma ousada e autêntica. Artistas em ascensão têm abraçado a estética brega reafirmando sua identidade e desafiando a noção de vergonha associada ao brega, de forma que aquilo que era até então considerado um vestuário cafona pelo senso comum, ganha uma nova visão de estilo e originalidade. Como estudo de caso será analisado quais as influências que constroem a identidade visual e musical da banda potiguar Luísa e os Alquimistas e como essas influências se relacionam com a moda. Como ferramentas de pesquisa foi realizada uma entrevista com Luísa Nascim, vocalista e compositora da banda Luísa e os Alquimistas que gerou a partir disso conteúdos essenciais para a pesquisa, foi também utilizada a pesquisa bibliográfica, análise de materiais audiovisuais e entrevistas cedidas a sites jornalísticos.

PALAVRAS-CHAVES Design de Moda. Brega. Figurino.

1 INTRODUÇÃO

O brega surge entre os anos de 1940 e 1950 no Norte e Nordeste do país, sendo ele um gênero musical popular, consumido em sua maioria por pessoas de classe baixa e muitas vezes ligado à conotação discriminatória, normalmente por razões xenofóbicas e classistas. Inicialmente, o brega surgiu como um estilo musical caracterizado por canções românticas e melancólicas, sem muitas elaborações. Nesse estágio inicial, ainda não havia uma rotulação específica para essa música de cunho bregueiro. No entanto, com influências do bolero e samba-canção, artistas como Cauby Peixoto, Orlando Dias e Carlos Alberto contribuíram para fortalecer esse gênero e impulsionar a notoriedade do brega pelo país (ARTCETERA, 2022).

O tecnobrega, um diferente estilo musical, nasce da música brega no início do século XXI em Belém do Pará, trazendo algumas vertentes musicais ligadas ao *eletró melody*, melody e tecnomelody. Em sua história existe uma inferiorização e discriminação de pessoas que consomem o gênero, considerando que o estilo brega é uma musicalidade vinculada à realidade periférica, sendo um gênero musical popular consumido por pessoas de baixa renda ele é considerado música de mal gosto e desprovida de qualidade (PICANÇO, LOPES, 2016). Segundo Damasceno *et al* (2002), essa ideia de que o tecnobrega é desprovido de valor e tem como consumo majoritário pessoas de classe baixa está atrelado à sua história, na qual o sentido da

¹ Graduanda no curso de Design de Moda do IFSC Jaraguá do Sul - Centro. Contato: porschgiovana@gmail.com

² Docente do curso de Design de Moda do IFSC Jaraguá do Sul - Centro. Mestre em Design do Vestuário e Moda (UDESC). Bacharel em Design de Moda (UDESC). Contato: juliamoferrari@gmail.com

palavra brega é ligado a prostíbulos carregando conotação pejorativa, sentido que acaba por marginalizar a cultura e identidade visual do brega.

Ao abordarmos a identidade visual associada ao universo bregueiro, é comum encontrarmos uma perspectiva inicial que a considera como algo indecente, não sofisticado e destituído de elegância (PICANÇO E LOPES, 2016). No entanto, de acordo com Santamaría (PICANÇO E LOPES, 2016), na nova onda do brega, em que a identidade está fortemente ligada ao tecnobrega, os jovens periféricos têm se destacado ao expressarem suas próprias tendências, trazendo originalidade em seus cabelos, acessórios, roupas e danças. Quando analisamos a identidade visual dos artistas bregueiros, observamos um nível maior de extravagância, em que a intenção é chocar o público com babados exuberantes, saias rodadas, brilho, botas altas e modelagens amplas. Artistas como Joelma, Pablllo Vittar, Gaby Amarantos, Duda Beat e Getúlio Abelha são exemplos de figuras que abraçam fielmente essa identidade bregueira.

Nesse sentido, a banda Luísa e os Alquimistas foi escolhida como objeto de pesquisa por se tratar de uma banda em ascensão que possui trabalhos diferentes do comum na cena musical brega. Permeando desde seu início entre misturas do pop, reggaeton, tecnobrega, piseiro, forró e reggae, a banda liderada pela potiguar Luísa Nascim foi criada em 2015 em Natal-RN, possui quatro álbuns lançados e tem em sua estética o brega como agente principal para seus figurinos e musicalidade. Luísa Nascim vocalista e compositora da banda, carrega em seus figurinos influências de cunho bregueiro, de forma que esta pesquisa procura entender quais influências são que levam a banda a moldar a sua estética e identidade visual

A presente pesquisa tem como objetivo principal aprofundar os estudos relacionados à temática do brega e realizar uma análise estética da banda Luísa e os Alquimistas procurando compreender um recorte social, cultural e também contextualizar sócio, histórico e esteticamente o brega, tecnobrega e brega funk através da moda. A escolha desse tema se justifica pela necessidade de explorar e compreender melhor os elementos visuais presentes nesse gênero musical, bem como a sua relação com o vestuário. Para embasar essa pesquisa, foi realizada uma entrevista com Luísa Nascim, cantora e compositora da banda Luísa e os Alquimistas. Através dessa entrevista, foi possível obter informações sobre a importância da estética visual na construção da identidade artística do grupo e como eles exploram elementos visuais para expressar sua música. Dessa forma, a pesquisa visa contribuir para o enriquecimento dos estudos sobre o brega, ampliando o conhecimento acerca de sua estética visual e a influência da indústria da moda nesse contexto. A entrevista realizada com a banda Luísa e os Alquimistas acrescenta um ponto de vista privilegiado à pesquisa, permitindo uma compreensão mais aprofundada da relação entre a estética visual e o brega.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 BREGA, TECNOBREGA E BREGA FUNK

A história do brega está intrinsecamente ligada aos prostíbulos e boates, uma vez que foi nesses espaços que o gênero ganhou popularidade com suas canções melancólicas que retratavam amores sofridos. Por ser consumido principalmente pela classe trabalhadora de baixa renda das periferias, o gênero foi estigmatizado como algo marginalizado e desprovido de talento. Sidney Magal relembra em entrevista cedida para o site Screamyell (2023, p. 2) como eram vistos os artistas que eram consumidos em regiões periféricas:

Na década de 1970, havia uma discriminação social muito grande. Todo artista que era consumido pelas pessoas mais humildes, pelo gari na rua, pela empregada

doméstica, pelo aluno de escola pública, pela dona de casa do interior, geralmente, era discriminado pela classe social de outras pessoas [...]

Quando o brega ultrapassa as melodias melancólicas e parte para as aparelhagens fortalece o preconceito, marginalização e xenofobia que já existia antes sobre as músicas do Norte e Nordeste do País, Fontel (2016, p. 4) relata:

[...] tiveram sua nova fórmula olhada com desdém, trazendo ao ritmo um caráter altamente preconceituoso, como produção popular para gente pobre e “sem cultura”. Durante uma década o ritmo viveu o seu tempo de ouro, com alto índice de consumo de discos, várias bandas em evidência em rádios, festas, cenário alimentado principalmente pelas classes populares paraenses que se encontravam em festas de bares da periferia, mercados e demais trechos onde o povo estava e construía (FONTEL, 2016, p. 4).

No final da década de 1990 ocorreu a modernização das batidas do brega. Com o amparo de novos equipamentos tecnológicos para a mixagem das músicas, a tecnologia das aparelhagens transformaram o brega piegas em um ritmo totalmente diferente envolvendo arranjos dançantes e agitados, assim criando o tecnobrega. A computadorização das músicas foi extrema e veio para confundir as pessoas com algo nunca antes visto na música brasileira. Segundo Fontel (2016, p. 4) a mistura de aparelhagens acabou por perder a qualidade composicional do brega, mas criou um novo público e um novo mercado na música.

Nascendo a partir do avanço da tecnologia e fora do grande e competitivo mercado musical, o tecnobrega alcançou sucesso vindo da periferia inserido em gravadoras pequenas, estúdios caseiros, festas e vendido a partir da pirataria. Conquistou primeiramente Belém, logo depois o estado do Pará e em seguida conquistou o país, tudo de forma independente (Silva, 2009). Em um show de tecnobrega realizado na Baía do Guajará, em Belém, conduzido por Regina Casé, a apresentadora teve uma fala emblemática a respeito do tecnobrega, ela diz: “Viva o laser, viva o laptop, viva o mp3. Viva a periferia tecnológica”.

Mais tarde, ligado a estereótipos de criminalidade e marginalização, o brega funk nasce nas periferias de Pernambuco com uma união entre dois estilos antigos, o brega e o funk. O funk teve seu primeiro contato com Pernambuco por volta de 1980 mas foi a partir de 1990 que conquistou a região. Sendo tocado em bailes e casas de shows que duraram até o início dos anos 2000, tendo como as festas mais populares o Baile do Clube Rodoviário e o Baile do Téo que se localizam em bairros distintos. O funk recifense era munido de composições que geravam rivalidade entre os bairros, ocasionando agressões dentro e fora dos bailes, tamanha a violência que o estilo teve sua decadência logo no início do milênio com o fechamento destas casas de show, assim enfraquecendo toda a cena do brega funk (SANTOS, 2019). Em entrevista para o site Vice Brasil (2018, p. 4) o Mestre de Cerimônias (MC) Feru relata como eram as desavenças dos bailes recifenses “Antes do baile começar, lá fora, era briga. Lá dentro era briga. E quando acabava era briga também.”.

Por outro lado, o brega já era potência na região de Recife e ao ver que o funk recifense estava tendo seu fim, vários MC's³ migraram ao brega para sobreviver. Santos (2019, p. 16) expõe “Essa foi a saída para vários outros MC's que viram a carreira ameaçada pela decadência do funk, passando não apenas a ser uma alternativa, mas sim uma necessidade de migração para o brega.”

A matéria “O nascimento do brega funk é a história de sobrevivência dos MCs do Recife” do site Vice Brasil retrata que o primeiro MC a misturar o brega com o funk foi Leozinho, que viu a necessidade de gravar o que estava sendo sucesso, o brega. A partir daí, os MC's se motivaram

³ MC significa Mestre de Cerimônias, e pode ser um artista que trabalha no âmbito musical ou um apresentador de eventos.

por Leozinho e enxergaram o brega funk como uma oportunidade da volta dos bailes e da expansão do ritmo.

2.2 ÍCONES E REFERÊNCIAS DO BREGA

Durante os anos 1990, a cena musical brega alcançou o auge de seu sucesso, com artistas pioneiros como Sidney Magal e Reginaldo Rossi. Nessa época, o gênero ainda possuía uma abordagem mais romântica, com misturas sonoras mais suaves em comparação ao que o brega se tornaria posteriormente.

Não há registros que digam quem foi o fundador do gênero, já que o brega se popularizou em periferias e boates, porém o cantor Vicente Celestino que ganhou fama em 1920 é um grande nome do que hoje conhecemos como brega. Vicente cantava músicas de sofrência, desilusão amorosa e dramaticidade sendo considerado o Rei da Canção (ARTCETERA, 2022).

“Durante a minha trajetória artística tive vários amores/ Todas elas juravam-me amor eterno/ Mas acabavam fugindo com outros/ Deixando-me a saudade e a dor/ Uma noite, quando eu cantava a Tosca/ Uma jovem da primeira fila atirou-me uma flor/ Essa jovem veio a ser mais tarde a minha legítima esposa/ Um dia, quando eu cantava A Força do Destino/ Ela fugiu com outro, deixando-me uma carta, e na carta um adeus/ Não pude mais cantar”. (CELESTINO, 1935).

Passando pelos anos 1940 e 1950 destacam-se os artistas Cauby Peixoto, Carlos Alberto e Orlando Dias que permaneceram com o ritmo amigável e mais apaixonante do brega. Suas vestimentas eram compostas por alfaiataria, blazer com gravata e calça reta, um figurino casual que se adequava à época, como é possível observar na Imagem 1.

Imagem 1 – Cantores Cauby Peixoto, Carlos Alberto e Orlando Dias.



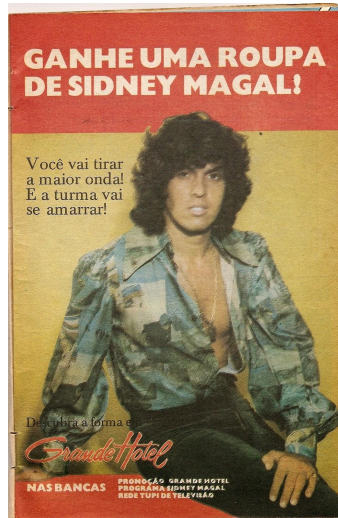
Fonte: G1, Immut e Famosos Que Partiram (2023).

Em 1970, Waldick Soriano era chamado de “cafona” por cantar melodias de cunho bregueiro e possuir uma identidade visual com mais destaque. Waldick abusava de chapéus em que usava de forma que ficasse levemente caído em sua cabeça e apostava também em grandes óculos escuros de modelo aviador e arredondados, suas roupas por outro lado eram compostas por alfaiataria remetendo a algo mais formal. Odair José fez sucesso cantando letras românticas e chorosas trazendo um pouco do estilo hippie em sua estética com cabelos na altura do ombro, grandes casacos de pêlo ou couro e calças boca de sino. Ainda em 1970, Sidney Magal dá início na sua carreira, suas composições vinham mais animadas e dançantes que as demais canções dos artistas já citados anteriormente e trazia consigo um estilo extravagante e glamouroso tanto em sua presença de palco quanto em suas roupas. Sidney foi adepto de tecidos cintilantes em suas composições de peças, usou diversos modelos de macacões, calças cintura alta e peças que deixavam o peito à mostra, como pode-se verificar na Imagem 2. Em uma entrevista

concedida, Sidney fala em entrevista para Screamyell (2023, p. 4), sobre o preconceito e olhar de desaprovação das pessoas sobre seu jeito de se vestir na época.

Vestir roupas coloridas é uma coisa que eu adoro. E roupas cheias de rosas e cheias de flores foi algo considerado, por muito tempo, como uma coisa cafona. [...] fazer espontaneamente as coisas, não tem nada de cafona. Você está sendo espontâneo, você está criando. [...] me permiti fazer loucuras dentro do padrão da época, e resolvi, também, enfrentar da maneira que desse. Era brega, era cafona, era uma bichinha, qualquer coisa, o Magal era (SCREAMYELL, 2023, p. 4).

Imagem 2 – Cantor Sidney Magal em promoção para anunciar seu programa na TV Tupi, em 1979.



Fonte: Propagandas históricas | Roupas do Sidney Magal (TV Tupi) - 1979 (1979).

Conforme os anos passaram, a cena cultural do gênero brega continuou a evoluir musicalmente e a se diferenciar dos demais gêneros. No início dos anos 1990, o brega passou a ser rotulado como "mau gosto" e foi estigmatizado como algo cafona com ainda mais força. É também nessa época que surge um dos maiores nomes do estilo bregueiro quando falamos de figurino, com 1,90 m de altura e roupas incrivelmente coloridas combinadas com um mix de estampas, Falcão impressiona a cena musical brasileira mostrando o brega na sua mais pura forma. Ele surge no mercado da música com releituras de grandes artistas já comentados aqui anteriormente, em seu disco "Bonito, Lindo e Joiado" (1992) fazendo sucesso com "I'm Not Dog No", versão em inglês de "Eu Não Sou Cachorro Não", música de Waldick Soriano. O figurino de Falcão, possível de observar através da Imagem 3, é um dos mais lembrados quando se trata de cunho bregueiro.

Imagem 03 – Cantor Falcão.



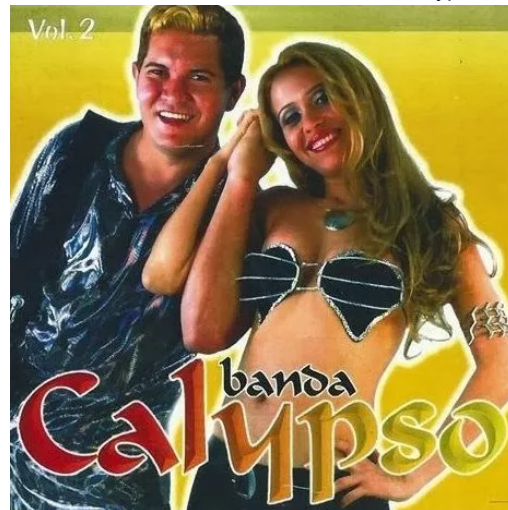
Fonte: Anna Ramalho, Falcão vai estrear como ator da Globo (2018).

Conhecido como o “Rei do brega”, Falcão exibe um grande girassol de plástico em seus blazers se tornando algo marcante em seu visual, ele também aposta em badulaques como chaveiros, medalhas, porta retratos e broches que ficam pendurados em suas roupas. Sua composição de peças em sua maioria é feita de blazer com estampas florais, animal print e bolinhas. As gravatas e calças alfaiataria também estampadas ou com cores vibrantes fazem parte do conjunto de peças. Sobre a rotulação de seu estilo ser considerado brega e cafona, Falcão comenta:

“Acho interessante que têm as pessoas que percebem, tem um público fiel que sabe que eu não sou “brega brega”, eu sou um “brega que faz um escracho do brega”. Esse pessoal que compreende, que sabe o que é, é legal, que forma aquele público que tá sempre me acompanhando, e sabe que no fundo eu sou Rock and Roll. Mas eu sou um músico contemporâneo, de MPB misturado com tudo quanto é coisa. E esta é a proposta, fazer um negócio que não seja só... como eu não tenho formação musical, e a música brega é muito simples, eu uso essa simplicidade para fazer minha música. A maioria das músicas não são bregas, são só brincadeiras em cima do brega”. (ROMAN, 2017, p. 3).

No final do milênio, ocorreu uma mudança significativa no que era conhecido como brega. Shows de aparelhagem e bailes de DJs passaram a dominar as regiões Norte e Nordeste do País, trazendo misturas de sons e batidas eletrônicas que eram animadas e não mais melancólicas. Foi nesse contexto que, em 1999, surgiu uma das maiores bandas de brega pop: Calypso, ilustrada pela Imagem 4. Originária de Belém do Pará e formada por Joelma Mendes e Cledivan Farias, conhecido como "Chimbinha", a banda trouxe uma fusão inovadora do brega com o gênero calypso, algo nunca antes visto.

Imagem 4 – CD Roubadado Volume 2 da banda Calypso em 2000



Fonte: Letras | CD Roubadado Volume 2 da banda Calypso em 2000 (2002).

Segundo Freitas (2016), Joelma além de sua contribuição musical, desempenhou um papel significativo na criação dos figurinos da banda Calypso. Por um período, ela atuou como figurinista, participando ativamente da escolha de peças e da construção da identidade visual da banda. Sua abordagem ousada e original nos figurinos se tornou uma característica marcante de sua imagem. Joelma inovou ao explorar combinações extravagantes e atrevidas em seus figurinos, apostando em mini saias volumosas e botas de cano alto com saltos imensos, que se tornaram uma marca registrada de sua performance nos palcos. Seus trajes frequentemente apresentavam detalhes chamativos, como brilhos, bordados, franjas e adornos, que adicionam um

toque de glamour e sofisticação às suas performances.

Cores, babados, brilhos sempre foram a marca dos figurinos de Joelma. Cada vez que a loira aparece com um novo figurino, os fãs se encantam com tamanha perfeição, quebrando todos os mitos da moda. Somente Joelma podemos dizer que faz e acontece e nos surpreendendo cada dia mais (ARAÚJO, 2011, p. 1).

Nos anos de 2002 a 2009, Gaby Amarantos emergiu com os sons de aparelhagem da periferia de Belém do Pará. Ela liderava a banda TecnoShow, uma das maiores bandas de tecnobrega da época. Conhecida por suas misturas de aparelhagens e guitarras, a banda vendeu mais de 100 mil discos ao longo de sua trajetória. Após sua saída da banda em 2009, Gaby lançou sua carreira solo e ganhou reconhecimento nacional em 2012 com o álbum "Treme", que apresentou músicas de grande sucesso como "Xirley" e "Ex-Mai Love" (FRAZÃO, 2016, p. 1). Gaby se orgulha de sua ligação com o brega e, como forma de comemorar os 20 anos da banda TecnoShow, lançou o EP "TecnoShow Vol. 1". Esse trabalho consiste em um compilado de hits com mix de aparelhagem, representando um momento especial para celebrar o tecnobrega (FERREIRA, 2022, p. 4). Na capa do EP, possível de observar na Imagem 5, o design remete a estética do início do milênio trazendo imagens da Gaby no início de sua carreira.

Imagem 5 – EP TecnoShow Vol. 1



Fonte: Diário 24 horas | Do tecnobrega ao forró eletrônico, Gaby Amarantos brilha dos palcos ao cinema (2022).

Quando questionada sobre a formação de sua identidade visual, Gaby Amarantos compartilhou uma conexão profunda entre sua infância, sua mãe e sua paixão pela moda. A influência materna em sua vida artística foi fundamental, com sua mãe costurando e vendendo roupas. Desde cedo, Gaby já expressava seu interesse pela moda, desenhando figurinos em seu caderninho. Nessa jornada, Gaby encontrou inspiração em ícones como Carmen Miranda, Maria Alcina e Elke Maravilha, que demonstravam coragem ao serem autênticas. Gaby orgulhosamente diz: “Eu sou brega e tenho orgulho de ser brega, tecnobrega, e exuberante. Isso é bastante futurístico e *fashion*” (STANDKE, 2023, p. 2).

2.3 LUÍSA E OS ALQUIMISTAS

Bregapunk, *bregawave* e tecnobrega: isso é Luísa e os Alquimistas. Considerada pelo site *Pop Matters* (2022) como uma festa psicodélica brega, a alquimia das experimentações eufóricas

da banda conquistam o público entrelaçando sonoridades diferentes como o brega funk, reggaeton, rap, reggae, piseiro e pop.

Formada em 2015 cantando apenas covers e releituras de músicas brasileiras, a banda tem seu início em Natal-RN liderada por Luísa Nascim. Luísa tem trajetória na arte circense como coreógrafa, diretora de espetáculo e acrobata e leva suas experiências do circo e da arte para a estética da banda. Foi através do circo que ela cantou em público pela primeira vez, daí em diante foi recebendo incentivo e apoio para seguir na carreira musical. Iniciou cantando em bares e logo depois se viu compondo músicas, assim levando à vontade de criar uma banda. Além de cantora, Nascim é compositora, administra a gestão, direção criativa e comunicação da banda, entregando a identidade visual de Luísa e os Alquimistas (RIZOMARTE RECORDS, 2019).

Com atual formação por Luísa Nascim, Gabriel Souto, Pedras, Zé Caxangá, Pedro Regada, Carlos Tupy e Tal Pessoa, a banda potiguar conta com 4 álbuns de estúdio sendo eles “Cobra Coral” (2016), “Vekanandra” (2017), “Jaguaririca *Print*” (2019) e o mais recente “Elixir” (2022).

“Cobra Coral” é o primeiro álbum autoral lançado e vem com uma produção mais serena que os futuros álbuns da banda. O álbum traz a ideia de espírito nômade, intimista e tranquilo, permeando entre uma combinação de distorções, sonoridades jamaicanas, música eletrônica como o *dubstep* e diferentes idiomas. “Cobra Coral” traz a mistura de gêneros e influências que é frequente no repertório da banda, mostrando a personalidade múltipla e mutável que é Luísa e os Alquimistas (Cobra Coral, Luísa e os Alquimistas, 2016). A estética visual não conta com tantas elaborações, os figurinos são compostos de peças leves e sem muita ornamentação, Luísa traz em seu visual os dreads em tons de loiro que conversam com o ar nômade do álbum. O material gráfico de divulgação pode ser observado na Imagem 6.

Imagem 6 - Luísa e os Alquimistas apresentando a música Gitana.



Fonte: Som sem Plugs (2016).

Se “Cobra Coral” foi manso e zen, o segundo álbum de estúdio “Vekanandra” vem como uma onda de euforia. O disco é um trabalho conceitual que traça a musicalidade do tecnobrega, pop *underground* e *soul* com mais intensidade que em seu último disco. Nascim conta a história de “Vekanandra”, uma diva decadente que brilha nos palcos mas que sozinha é um desastre, que intercala entre *glamour* e depressão em uma constante mudança entre luz e sombra. “Vekanandra” é o lado diva de Luísa, essa persona apresenta um lado obscuro que intercala com os altos e baixos da vida nos palcos, essa oscilação de sentimentos pode ser observada nas

letras mas também na sonoridade das músicas que se mostram às vezes mais agitadas e em outras faixas se apresentam melancólicas (Vekanandra, Luísa e os Alquimistas, 2017).

Após “Cobra Coral”, Luísa se muda para São Paulo e dá início ao desenvolvimento coletivo do terceiro álbum de estúdio da banda. “Jaguaririca *Print*” foi realizado com o apoio da Natura Musical e contou com parcerias de artistas como Jéssica Caitano, Catarina Dee Jah, Sinta a Liga Crew, Doralyce, Izy Mistura, Jamila e Luê. O disco foi gravado entre Natal-RN e São Paulo, contou com uma grande produção pois foi com este disco que a banda teve seu arquétipo brega mais evidenciado. O *bregawave* selvagem, quente e tropical transpassa com a sonoridade do brega funk em um movimento enérgico e experimental, é também evidente no repertório a influência do *dancehall*, R&B, reggae, *dubstep* e reggaeton que combinados têm uma sonoridade original. Em “Jaguaririca *Print*”, Luísa Nascim assume o papel de diretora visual em colaboração com o artista Thiago Trapo, buscando ressignificar elementos *kitsch* na criação da capa do álbum. Em uma entrevista concedida ao site *Noize* (2019), Luísa expressa o empoderamento que sentiu ao posar para a capa, que apresenta uma abordagem felina da estética tropical nordestina em uma composição divertida. Na imagem, ela veste shorts ciclista com estampa de animal print, combinando-os com luvas, jóias e segurando um microfone infantil. Essa abordagem estética reflete a intenção de Luísa e Thiago Trapo em explorar a fusão de elementos do universo *kitsch* e da cultura nordestina tropical, resultando em uma capa de álbum vibrante e expressiva. A capa de “Jaguaririca *Print*”, disponível na Imagem 7, captura a essência artística de Luísa Nascim, transmitindo uma mensagem de autoconfiança e empoderamento (Jaguaririca *Print*, Luísa e os Alquimistas, 2019).

Imagem 7 - Capa do álbum Jaguaririca Print.



Fonte: Bandcamp | Jaguaririca Print por Luísa e os Alquimistas (2019).

Gravado no Beco da Lama em Natal-RN com direção de Lara Dantas, o brega funk da faixa “Olhos de Tocha” do disco “Jaguaririca Print” (2019) traz o brega de forma descarada em cada take do videoclipe, é possível observar a grande quantidade de peças em estampas de animal print combinadas com cores neon, leques, viseiras, pochetes holográficas e óculos de sol coloridos como a “Juliet” criada pela Oakley que faz sucesso no movimento brega funk, conforme a Imagem 8. “Olhos de Tocha” consegue trazer muita informação de moda da estética bregueira que podem ser vistos sendo usados em época de carnaval, onde não há o medo de ousar em combinações, cores e acessórios (Luísa e os Alquimistas | Olhos de Tocha, 2019).

Imagem 8 – Luísa Nascim e dançarino Yrlan Souza no videoclipe Olhos de Tocha.



Fonte: Luísa e os Alquimistas | Olhos de Tocha, Youtube (2019).

Com o arquétipo brega cada vez mais evidente na estética da banda, foi lançado o single “Brega *Night Dance Club*” para o “EP Gang da Leoa, Vol. 1” (2021) tendo o tecnobrega e o bregafunk como principais elementos em uma parceria com a artista Keila. A produção audiovisual levou a banda a concorrer na categoria “Melhor Videoclipe Estreante” no Music Video Festival, premiação nacional importante no meio da música. O videoclipe retrata uma festa brega de aparelhagem onde Luísa e Keila mergulham em uma distopia que Matheus Almeida diretor do videoclipe define como “afrofuturista amazônica e dançante”. Pode ser observado na Imagem 9 que as composições feitas nos figurinos das artistas são de cunho bregueiro já que há misturas de acessórios e cores que no meio tradicional da moda são vistos como cafona mas que no circuito do brega são bem recebidos. Keila aposta em um penteado espetado, brincos com pingentes de pelúcia e harness neon combinado com correntes, já Luísa veste body brilhante com acessórios pesados e um penteado marcante (Luísa e os Alquimistas feat. Keila | Brega *Night Dance Club*, 2021).

Imagem 9 - Luísa Nascim e Keila no videoclipe Brega Night Dance Club.



Fonte: Luísa e os Alquimistas | Brega *Night Dance Club*, Youtube (2021).

Após o grande sucesso que foi “Jaguaririca *Print*”, Luísa e os Alquimistas lançam em

2022 o seu quarto álbum de estúdio feito a partir do estudo e conceito da alquimia e magia antiga relacionando a música como poder de cura. “Elixir” nome dado para o disco, é carregado de produção visual e a sonoridade do álbum permanece com a combinação de diferentes ritmos e línguas que já havia sido visto nos recentes trabalhos da banda, mas fica possível ver que a partir do lançamento de “Elixir” a banda torna sua estética mais reconhecível que anteriormente, agora o bregapunk se evidencia e torna-se a estética visual e sonora mais presente de Luísa e os Alquimistas e isso acontece sem perder a mistura de ritmos que a banda sempre fez (ISTO É, 2023).

É com o trabalho audiovisual de “*Guapetona*” do álbum “Elixir” (2022) que pode ser visto a estética bregapunk mencionada anteriormente, em um clima envolvente de reggaeton o clipe traz cenas de Luísa em uma dança com grandes leques e um penteado imponente de tranças, o videoclipe mostra uma festa noturna onde ela encara um romance ardente enquanto o restante se diverte na pista de dança. Pode ser observado nos figurinos, conforme a Imagem 10, o animal print, brilho de paetês, combinação de correntes e peças com grandes ornamentos de chifres, estas feitas pelo estilista Vittor Sinistra com o *styling* assinado por Alma Negrot (Luísa e os Alquimistas - *Guapetona*, 2022)

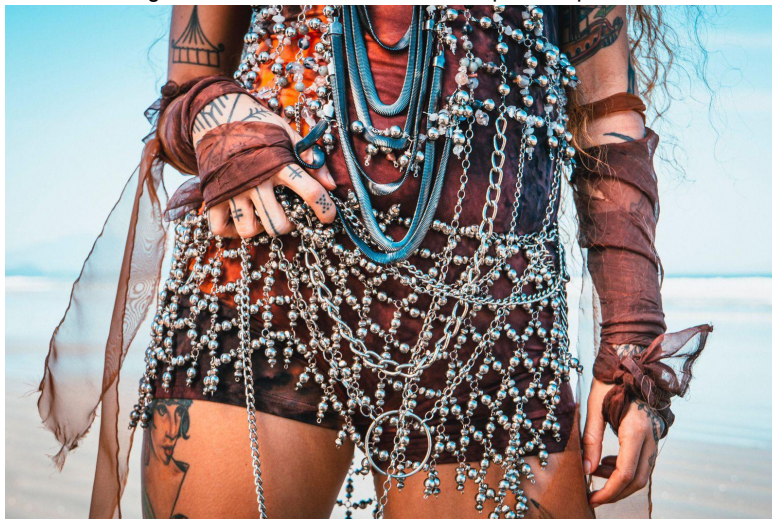
Imagem 10 - Luísa e os Alquimistas no videoclipe *Guapetona*.



Fonte: Isto é | Banda Luísa e os Alquimistas apresenta álbum ‘Elixir’ na Casa Natura Musical (2022).

Sob a direção de Matheus Almeida e com o *styling* realizado por Alma Negrot, o videoclipe da faixa “Boto pra Torar”, presente no álbum “Elixir” (2022), reforça a estética bregapunk que a banda busca estabelecer visualmente. No vídeo, Luísa protagoniza cenas em cima de um cavalo, à beira da praia, em um cenário que remete a um ambiente pós-apocalíptico, mas que revela elementos futuristas quando a artista se junta aos demais integrantes da banda (Luísa e os Alquimistas | *Boto pra Torar*, 2022). O visual do videoclipe é marcado por um penteado longo e impactante, combinado com correntes pesadas e retalhos de tecidos em tons terrosos, criando uma estética distinta e chamativa, que pode-se observar através da Imagem 11. Essa composição visual reflete a proposta bregapunk da banda, mesclando elementos contrastantes e expressivos para transmitir uma sensação de rebeldia e originalidade. Através do videoclipe, Luísa e os Alquimistas reafirmam sua identidade estética única, construindo uma narrativa visual envolvente que cativa o espectador. A combinação do visual ousado com a sonoridade marcante da música contribui para consolidar a estética bregapunk como parte essencial da imagem artística da banda.

Imagem 11 - Luísa Nascim no videoclipe Boto pra Torar.



Fonte: Preta Jóia | Luisa e os Alquimistas estreiam clipe de "Boto pra torar" (2022).

A constante busca por uma identificação estética mais concreta levou Luísa e os Alquimistas a desenvolverem uma sonoridade e identidade visual únicas. A banda não se limita a um único ritmo ou termo musical. No entanto, como mencionado anteriormente, o termo bregapunk está sendo utilizado para distinguir a estética da banda e destacá-la em meio a outros artistas. Por meio de suas performances de palco e figurinos, Luísa e os Alquimistas retratam o brega com uma abordagem ousada, incorporando elementos frenéticos do punk e mesclando-os com a inquietude característica do brega. Essa combinação resulta em uma estética visual marcante, que se destaca para o público. Com esta pesquisa, fica claro o uso da moda como um instrumento de identificação e promoção por parte da banda. Através dessa fusão de elementos do punk com a essência do brega, Luísa e os Alquimistas conquistam um espaço singular e admiradores que apreciam a fusão de estilos e a ousadia estética apresentada pela banda.

3 METODOLOGIA

3.1 TÉCNICAS DE PESQUISA

A presente pesquisa é classificada como qualitativa e de natureza exploratória (GIL, 2008). Os métodos utilizados para a realização deste estudo incluíram uma entrevista estruturada com a artista Luísa Nascim, pesquisa bibliográfica em livros e artigos, além de fontes secundárias que contêm temática abordada em função do seu caráter público, e por fim, foi elaborada uma análise do conteúdo estético e audiovisual da banda Luísa e os Alquimistas. Para embasar essa pesquisa, foram selecionados artigos acadêmicos, monografias, entrevistas concedidas a sites, revistas e programas televisivos, bem como videoclipes, blogs e materiais visuais publicados por meio de redes sociais. Essas fontes variadas contribuíram com conteúdos relevantes para o estudo, permitindo uma visão abrangente da temática. Além das fontes já existentes, destaca-se a entrevista estruturada realizada com Luísa Nascim que possibilitou uma compreensão mais aprofundada da relação entre a estética visual, a música e a cultura do brega, bem como a perspectiva dos artistas envolvidos.

3.2 ENTREVISTA

A entrevista feita com Luísa Nascim, vocalista e compositora da banda Luísa e os Alquimistas foi realizada para a finalidade de compreender quais são as influências em questões de moda, música e figurino que a banda utiliza para a formação de sua estética.

Para a entrevista, foi elaborado um roteiro de oito perguntas já pré-estabelecidas e separadas em duas categorias, sendo a primeira destinada a mapear os referenciais em termos de música para a banda, e a segunda categoria sendo destinada para a estética e a moda. Após a finalização do roteiro deu-se início ao contato com integrantes da banda para a solicitação da entrevista, considerando que o grupo está sempre em movimento fazendo shows e residindo na cidade de São Paulo, foi escolhido que a entrevista fosse realizada de forma não presencial através do Whatsapp. Inicialmente, foi estabelecido um contato por meio da rede social Instagram, no qual os integrantes Tupy e Pedro Regada da banda Luísa e os Alquimistas demonstraram receptividade e interesse na proposta da entrevista. Eles prontamente forneceram um endereço de e-mail para um contato direto e formal com a banda. A resposta ao e-mail de solicitação da entrevista foi realizada por Luísa Nascim, que sugeriu que a mesma fosse conduzida via Whatsapp. Luísa foi solícita ao responder as perguntas por meio de áudios, demonstrando seu engajamento com o projeto. O roteiro com oito perguntas foi enviado a ela, permitindo que ela desenvolvesse suas respostas de forma livre, a transcrição completa da entrevista está disponível no Anexo A.

4 ANÁLISE DO CICLO DE CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DA BANDA LUÍSA E OS ALQUIMISTAS

As perguntas da entrevista foram divididas em 2 grupos de interesse que geraram posteriormente, categorias de análise do discurso. No primeiro grupo estão as perguntas referentes às influências musicais do grupo, compreendendo que estas influenciam de forma direta e indireta nas escolhas de moda. No segundo grupo estão as perguntas referentes diretamente a estética, procurando entender quais são os elementos de moda presentes nas escolhas da cantora para suas performances. As perguntas podem ser visualizadas em seus grupos de análise conforme a Tabela 1.

Tabela 1 - Perguntas da entrevista estruturada

Categoria	Pergunta
Referências	Quais foram as maiores inspirações artísticas para a banda?
	Com o lançamento recente de Elixir foi possível ver a denominação principal da banda como bregapunk, como vocês definem este termo?
	Em Santa Catarina, onde é produzida esta pesquisa, nota-se que o brega não tem tanto reconhecimento quanto no Norte e Nordeste do país. Nas apresentações da banda na região Sul, vocês sentem uma diferença na recepção do público?
	Dentro dos 4 álbuns de estúdio da banda podemos ver uma

	combinação de diferentes influências musicais, hoje tem alguma influência que é a mais forte nos projetos?
Estética	Quais as maiores influências de moda para a banda?
	Os figurinos de Elixir são incríveis, como é realizado o processo de criação de um figurino de palco?
	Como a banda procura incorporar o estilo do brega em seus figurinos?
	Existe alguma diferença no processo de escolha dos figurinos para uma gravação e para um show ao vivo? Quais seriam?

Fonte: Elaborado pela autora, (2023).

Entende-se que a partir destas perguntas, será possível aprofundar a compreensão dos principais elementos da estética do brega para a banda, bem como identificar suas influências diretas e indiretas. Essa análise permitirá explorar de forma mais abrangente como o brega se manifesta em sua música e em sua identidade artística.

4.1 REFERÊNCIAS

Durante a entrevista Luísa Nascim conta que a banda Luísa e os Alquimistas surgiu de forma despreziosa com a intenção de cantar releituras de músicas jamaicanas em bares da região de Natal-RN, tendo em seu início a principal inspiração musical sendo o reggae. Porém as experimentações sempre foram a característica principal da banda e conforme as produções musicais foram ganhando forma pode ser observado a introdução de diferentes ritmos como o reggaeton, pop, brega, tecnobrega e tantos outros já citados anteriormente.

Luísa declara que há uma dificuldade na definição musical e estética da banda, já que as misturas de diferentes ritmos ainda é muito forte nas composições levando a não ter uma denominação clara de qual gênero Luísa e os Alquimistas vem produzindo. No entanto, com o recente lançamento do quarto álbum de estúdio “Elixir” (2022) a banda está se denominando cada vez mais como bregapunk e é nessa busca de afirmar uma estética que este termo vem sendo utilizado, Luísa explica que o bregapunk é designado a presença de palco e atitude da banda e não especificamente na produção musical, já que Luísa e os Alquimistas não produzem música especificamente punk. Luísa esclarece que essa estética já vinha sendo apresentada antes do álbum “Elixir” (2022) através do peso das guitarras e performances mais catárticas e enérgicas de sua sonoridade.

Luísa conta também que o primeiro álbum da banda tinha uma sonoridade mais psicodélica, enquanto os anos seguintes trouxeram um peso sonoro, muitas vezes associado à música nordestina e nortista, e ao poder das guitarras. Ao longo do tempo, Luísa explica que ela tem sido a impulsionadora por trás das experimentações musicais realizadas pela banda. Embora a diversidade de musicalidade ainda esteja presente na discografia da banda, Luísa reconhece a necessidade de direcionar mais claramente o som da banda e aprofundar-se nas possibilidades do bregapunk. Isso também coincide com seu processo de construir uma carreira solo, permitindo que

ela explore outras vertentes musicais e à medida que sua carreira solo surge, ela explica que a banda amadurece e encontra uma identidade musical marcada pelo bregapunk.

4.2 ESTÉTICA

No início da carreira, Luísa e os Alquimistas não tinham acesso a marcas ou recursos relacionados à moda, se vestiam com o que tinham disponível, mas sempre se mantinham atualizados sobre as tendências de outras bandas, principalmente aquelas dos gêneros indie e rock. Essa questão do acesso à moda no circuito bregueiro está intrinsecamente ligada à realidade de escassez, popularidade de peças de baixa qualidade e falsificações. No contexto do brega, as limitações financeiras muitas vezes impõem restrições na obtenção de roupas e acessórios de marca. Nesse cenário, é comum que as pessoas se adaptem e criem seu próprio estilo, incorporando elementos de moda de forma criativa e única. Atualmente, Luísa e os Alquimistas adotaram uma identidade mais urbana mas ainda mesclando com elementos do brega como estampas, cores, animal print e óculos espelhados. A relação da banda com a estética visual bregueira é clara, o grupo enfatiza a importância de evitar estereótipos forçados e clichês. Luísa e os integrantes acreditam que a essência do bregapunk reside na atitude e estilo individual de cada um, expressos através de cabelos coloridos, piercings e acessórios marcantes.

O processo de criação dos figurinos do grupo muitas vezes ocorre de forma improvisada, com Luísa contribuindo com um acervo considerável de roupas que servem para todos os membros da banda. Ela sempre está atenta a esse aspecto ao comprar roupas em brechós, buscando peças oversized que possam ser usadas por todos. Ao adotarem um figurino que não é exclusivamente associado a um gênero específico o grupo diversifica o diálogo sobre a desconstrução de gênero promovendo uma visão mais ampla de identidade, onde todos os membros têm liberdade de expressão e são encorajados a serem autênticos em sua aparência. Luísa conta que é crucial que a banda leve em consideração o conforto durante os shows, o grupo procura priorizar roupas que não sejam muito pesadas ou sufocantes, optando por tecidos respiráveis e leves. Em alguns casos, podem usar figurinos mais elaborados, com penteados e unhas personalizadas. No entanto, em espaços menores ou com orçamentos limitados, nem sempre é possível alugar roupas ou contratar um estilista, então é quando eles recorrem a improvisações. Mas apesar desse improvisado, a banda tem tido a possibilidade de trabalhar com estilistas e marcas que apoiam o grupo, uma das marcas parceiras da banda é a Amapô Jeans que possui roupas sofisticadas retiradas do acervo da São Paulo *Fashion Week*, proporcionando à banda uma experiência empolgante. Além disso, eles também têm o apoio e parceria do estilista Ellias Kaleb, que também contribuiu para o guarda-roupa da banda com peças incríveis, tanto Amapô Jeans quanto Ellias Kaleb foram os responsáveis pelos figurinos do álbum “Elixir” (2022).

5 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou aumentar os estudos sobre a temática do brega, propondo uma análise e pesquisa para compreender a relação que há entre a música brega e a moda. Houve como objetivo de pesquisa, aprofundar os conhecimentos relacionados à temática do brega abrangendo um recorte social e cultural, incluindo aspectos sócio-históricos e estéticos do brega, tecnobrega e brega funk. Como parte integrante da pesquisa, foi realizada a pesquisa bibliográfica e uma entrevista com Luísa Nascim, vocalista e compositora da banda potiguar Luísa e os Alquimistas, que foi o grupo escolhido como objeto de estudo. Através da pesquisa bibliográfica e da entrevista realizada, foi possível constatar que a identidade visual e musical do brega tem passado por uma transformação significativa nos últimos tempos. Essa constatação ressalta a

importância da análise da banda e das percepções de Luísa Nascim como fontes cruciais para a compreensão das mudanças e evoluções no cenário do brega, fornecendo um olhar significativo sobre as tendências e os desdobramentos da estética e da música do gênero.

A pesquisa nota que os artistas estão adotando a estética bregueira como uma forma de empoderamento, rejeitando qualquer sentimento de vergonha associado a ela. O brega se tornou uma escolha deliberada para abraçar aquilo que é considerado cafona, utilizando-o como uma forma de expressão autêntica. Essa mudança de perspectiva reflete uma rejeição das normas estabelecidas de bom gosto, impulsionando uma busca pela individualidade e autenticidade. O brega deixou de ser percebido negativamente e passou a ser adotado como um símbolo de identidade e estilo. Os artistas abraçam essa estética, incorporando-a em sua música, moda e atitude, como uma afirmação consciente de sua personalidade. Essa transformação representa uma valorização do brega como uma forma legítima de expressão artística, permitindo aos artistas explorarem plenamente sua criatividade e se destacarem com uma estética original.

A temática abordada revela a complexidade e a diversidade da música brega no Brasil, assim como as diferentes percepções que as pessoas têm dela em diferentes regiões do país. Enquanto no Nordeste e no Norte o brega é parte integrante da cultura local e possui uma conexão afetiva profunda, nas regiões do Sudeste e do Sul existe um distanciamento que gera curiosidade por quem não conhece. A música brega ultrapassa estereótipos abrangendo uma ampla gama de influências e estilos musicais, desde as raízes nordestinas até as nuances do sertanejo. O brega é uma expressão cultural rica, intrinsecamente ligada à identidade do Brasil, que continua a evoluir e conquistar seu lugar em diversos cenários musicais expandindo horizontes.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram para a conclusão deste trabalho científico. Desejo agradecer à minha orientadora Julia Ferrari, pelo seu incansável apoio e orientação ao longo deste processo. Também sou imensamente grata a minha irmã Sabrina Pörsch pelo seu comprometimento em me ajudar, seja oferecendo *insights* valiosos ou fornecendo um ombro amigo, foi uma das principais razões pelas quais consegui completar este trabalho. Agradeço a meus pais, amigos, professores e colegas pelo apoio incondicional e encorajamento constante ao longo dessa jornada acadêmica. Agradeço também a Luísa Nascim e a todos os integrantes da banda que forneceram os dados e informações necessários para a realização deste trabalho, sua contribuição à área foram essenciais e inestimáveis para o desenvolvimento deste estudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luís. **Falcão vai estrear como ator da Globo**. Anna Ramalho, 1 de fev. 2018. Disponível em: <<https://www.annaramalho.com.br/falcao-vai-estrear-como-ator-da-globo/>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

Alquimista, inquieta e plural: Luísa Nascim – 100 Mulheres na Música. Disponível em: <<https://100mulheresnamusica.com/2022/02/09/alquimista-inquieta-e-plural-luisa-nascim/>>. Acesso em: 1 dez. 2022.

ARAUJO, Matheus. **Analisando: A evolução dos figurinos da Banda Calypso**. Portal Calypso, julho 2011. Disponível em:

<<http://portalcalypto.weebly.com/analizando/analizando-a-evolucao-dos-figurinos-da-banda-calypto/>>
. Acesso em: fev. 2023.

Banda Calypso Discografia. Letras, [s.d]. Disponível em:

<<https://www.letras.mus.br/banda-calypto/discografia/cd-roubado-volume-2-2000/>>. Acesso em: 21 de fev. 2023.

Banda Luísa e os Alquimistas apresenta o álbum ‘Elixir’ na Casa Natura Musical. IstoÉ, 29 de mar. 2023. Disponível em:

<<https://istoe.com.br/banda-luisa-e-os-alquimistas-apresenta-album-elixir-na-casa-natura-musical/>>
. Acesso em: 23 abr. 2023.

BARRETO, João Paulo. **Entrevista: Sidney Magal fala sobre o revisitar de sua trajetória com o ótimo documentário “Me Chama Que Eu Vou” – SCREAM & YELL**, 16 de jan. 2023. Disponível em:

<<http://screamyell.com.br/site/2023/01/16/entrevista-sidney-magal-fala-sobre-o-revisitar-de-sua-trajetoria-com-o-otimo-documentario-me-chama-que-eu-vou/>>. Acesso em: 19 fev. 2023.

Biografia de Falcão. Letras, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.letras.com.br/falcao/biografia/>>.
Acesso em: 20 fev. 2023.

Catarse. **Novo álbum de Luísa e os Alquimistas: VEKANANDRA.** Disponível em:

<https://www.catarse.me/luisaeosalquimistas_vekanandra>. Acesso em: 28 maio. 2023.

CHAVES, Heloiza. **Entrevista Luísa Nascim (Luísa e os Alquimistas) está pronta para sua nova fase.** Escutai, 08 de jul. 2022. Disponível em:

<<https://escutai.com/entrevista-luisa-nascim-do-luisa-e-os-alquimistas-esta-pronta-para-sua-nova-fase/>>. Acesso em: 27 de mar. 2023.

COLVARA TEIXEIRA, F.; DEL-VECHIO DE OLIVEIRA, R.; BONA, R. **O processo de desenvolvimento de uma identidade visual.** In: INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 8º Evento, 2003, Passo Fundo - Rio Grande do Sul. Anais do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul. Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Editora XYZ, 2003. p. 1-10.

CUNHA, Marco Antonio. **Luísa e os Alquimistas lançam “Elixir” quarto disco do grupo.**

Boomerang Music, 23 de set. 2022. Disponível em:

<<https://boomerangmusic.com.br/luisa-e-os-alquimistas-lancam-elixir-quarto-disco-do-grupo/>>.
Acesso em: 16 abr. 2023.

DANTAS, Lara. Documentário | **Jagatirica Print.** Youtube, 15 de dez. 2020. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=8QpBrbmawOo/>>. Acesso em 16 de abr. 2023.

ELEFANTE SESSIONS | **Luisa Guedes & os alquimistas - Entrevista.** Youtube, 18 de jul. 2015.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mMFVuDPnp_E/>. Acesso em: 9 abr. 2023.

FERREIRA, Mauro. **Álbuns e singles de Cauby Peixoto ganham edições digitais para celebrar os 90 anos do cantor.** G1, 31 de mar. 2021. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2021/03/31/albuns-e-singles-de-cauby-peixoto-ganham-edicoes-digitais-para-celebrar-os-90-anos-do-cantor.ghtml/>>. Acesso em: 26 de mar. 2023.

FERREIRA, Mauro. **Gaby Amarantos celebra 20 anos da banda TecnoShow com compilação de hits das aparelhagens do Pará.** G1, 15 de dez. 2022. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2022/12/15/gaby-amarantos-celebra-20-anos-da-banda-tecnoshow-com-compilacao-de-hits-das-aparelhagens-do-para.ghtml/>>.

FONTANELLA, Israel Fernando; Freire Prysthon, Ângela. **A estética do Brega: cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife**, 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

FONTEL, Luana Souza. **O feminino do território proibido: Performances discursivas de mulheres em festas de tecnobrega em Belém-PA**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos de Gênero e Feminismo) - Universidade Federal do Pará, Belém.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Gaby Amarantos**. Ebiografia, 2016. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/gaby_amarantos/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

FREITAS, Amanda S. **Um estudo sobre o figurino da cantora Joelma Mendes: A cultura musical paraense e suas influências**. In: Anais do 12º Colóquio de Moda – 9ª Edição Internacional, 3º Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda. 2016.

FURTADO, Amanda. **Do tecnobrega ao forró eletrônico, Gaby Amarantos brilha dos palcos ao cinema**. Diário 24 horas, 15 de dez. 2022. Disponível em: <<https://www.diario24horas.com.br/noticia/61748-do-tecnobrega-ao-forro-eletronico-gaby-amarantos-brilha-nos-palcos-ao-cinema/>>. Acesso em: 19 de mar. 2023.

Gaby Amarantos: Ícone do Tecnobrega. Notícias do Jardim São Remo, [s.d]. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/njsaoremo/?p=2887/>>. Acesso em: 19 de mar. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HEILBUTH, E.; FOCO, C. M.. **Periferia em Ritmo brega e aparelhagens são símbolos da periferia de Belém**. Estadão Mobilidade: Na periferia. Disponível em: <<https://mobilidade.estadao.com.br/na-perifa/ritmo-brega-e-aparelhagens-sao-simbolos-da-periferia-de-belem/>>. Acesso em: 19 de fev. 2023.

Jagatirica Print | Luísa e os Alquimistas. BandCamp, [s.d]. Disponível em: <<https://luisaeosalquimistas.bandcamp.com/album/jagatirica-print/>>. Acesso em: 09 de abr. 2023.

LEMOS, R. et al. **Tecnobrega: o Pará reinventando o negócio da música**. [s.l.] Aeroplano Editora, 2008.

Luísa e os Alquimistas. **Luísa e os Alquimistas | Boto pra Torar**. Youtube, 13 de out. de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iVpBI1A20U8/>>. Acesso em: 28 maio. 2023.

Luísa e os Alquimistas estreiam clipe de "Boto pra torar", faixa do álbum "Elixir". Preta Joia, 13 de out. 2022. Disponível em: <<https://www.pretajoia.com/2022/10/luisa-e-os-alquimistas-estreiam-clipe.html/>>. Acesso em: 23 de abr. 2023.

Luísa e os Alquimistas. **Luísa e os Alquimistas feat. Keila | Brega Night Dance Clube**. Youtube, 04 de mai. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a2aPHHPnCig/>>. Acesso em: 16 de abr. 2023.

Luísa e os Alquimistas. **Luísa e os Alquimistas - Guapetona**. Youtube, 22 de jul. de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H8zeL53OFHE>>. Acesso em: 28 maio. 2023.

Luísa e os Alquimistas. **Luísa e os Alquimistas | Olhos de Tocha**. Youtube, 30 de set. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nHZyZSbXZaM>>. Acesso em: 09 de abr. 2023.

Movimento brega é transformado em patrimônio imaterial do Recife. G1 Pernambuco, 01 de jul. 2021. Disponível em:

ANEXO A - Transcrição da Entrevista Realizada com Luísa Nascim.

Giovana - Quais foram as maiores inspirações artísticas para a banda?

Luísa - Então, a banda surgiu de maneira muito despretensiosa, assim, eu só estava afim de cantar. Então, assim, a princípio a gente tinha muitas inspirações musicais, assim, mais ligadas ao reggae mesmo, quando a banda surgiu, assim. Inclusive, a banda surgiu para a gente fazer um show só de releituras, assim, de clássicos da música jamaicana e tal. Foi aí que a banda surgiu... Nesse meu tempo eu já estava compondo, assim, mas a banda surgiu para a gente fazer esse projeto, assim, para a gente tocar em alguns bares lá de Natal, para a galera do reggae e tal.

Giovana - Quais as maiores influências de moda para a banda?

Luísa - Então, a gente gosta muito de experimentar, né? A banda tem uma trajetória desde 2015... E de lá pra cá a gente foi ficando mais atento a isso. Eu mesma... Imagina, a gente começou a tocar reggae em Natal, a gente, enfim, não tinha acesso a nenhum tipo de... Nenhuma marca, né? Enfim, agora, com muitos anos de história e uma discografia extensa, a gente tá conseguindo ter alguns acessos a marcas e tal. E conseguir chamar mais atenção nesse lugar da moda, né? Então, assim, a gente... A gente, a princípio, começou vestindo o que as pessoas... O que a gente conseguia, assim. Mas sempre muito antenados em algumas bandas mesmo, assim. Até do *indie*, do rock, né? Tem essa coisa também de muita experimentação, de ser meio camaleoa também. A gente tá sempre mudando, assim, os estilos e tal. Até pra entender, assim, o que a gente gosta mais, o que a gente gosta menos, né? Os meninos também. Hoje em dia, eu vejo que a gente tem uma pegada mais urbana, misturado com a coisa mais roqueira também e tal. Essa coisa da rock band, do brega punk e tal, que é um gênero que a gente criou e tá criando. Já traz também uma inspiração estética, assim, da gente misturar o que seria uma estética do brega, das estampas, das cores, do animal print, do óculos espelhado, né? Com coisas mais urbanas, assim. Mas varia muito, porque, por exemplo, esse show nosso novo, a gente montou figurinos, montou um figurino com roupas bem chiques, de acervo da Amapô Jeans, que é uma marca muito foda, de duas amigas aqui de São Paulo, que a gente se aproximou. E a gente pegou essas peças com elas, que são de acervo de São Paulo *Fashion Week*, né? Então é muito massa poder se ver com esse tipo de roupa. E tem o Ellias Kaleb também, que é outro estilista daqui de São Paulo, um estilista preto que também me vestiu, né? Então às vezes rola isso, tipo, a banda veste um estilista e eu visto outro, enfim. Mas a gente tem esses parceiros muito fortes aqui em São Paulo, que são a galera da Amapô Jeans e o Ellias Kaleb.

Giovana - Os figurinos de Elixir são incríveis, como é realizado o processo de criação de um figurino de palco?

Luísa - Então, esse processo de criação de figurino muitas vezes se deu de forma muito improvisada. Eu tenho um acervo grande com roupas que cabem em todo mundo da banda... E estou sempre atenta a isso também quando vou comprar roupas em brechó, coisas mais *oversized*, roupas que cabem em todo mundo. Eu tenho esse acervo... Mas esses figurinos do Elixir que você está falando devem ser esses justamente que eu comentei no áudio anterior, que foi essa colaboração com a Amapô e o Ellias Kaleb, com o *styling* do Iago, que é um estilista de Natal. A gente quis trabalhar muito em cima de paleta de cor... A gente tenta trabalhar em cima de paleta de cor. Então, quando saiu o disco, o disco tem uma capa lilás, né? Essa capa lilásinha... A gente fez umas fotos com o fundo mais escuro. Então, essa paleta foi se construindo quando a gente foi lançando os materiais do álbum... Não foi nada muito bem pensado, mas foi se encaixando. Bom, tinha um show no Mada, que era a estreia do show novo... A gente tinha o cachê do Mada... Eu conversei com o Iago... Geralmente, a gente não trabalha com *styling*. Geralmente, sou eu que faço. Eu conversei com o Iago para ele dar uma força... Ele já queria trabalhar também com essas marcas... Ele gosta muito do trabalho da Amapô e do Ellias e a gente fez essa ponte. A galera foi super aberta também das marcas e emprestaram todos os figurinos e aí eles foram lá. O Iago estava em Natal, mas o pessoal da banda... Eu não fui, mas os meninos conversaram com as meninas, experimentaram. A gente olha para aquele acervo todo ali à nossa disposição e vai conversando com as meninas e tal. É um processo bem colaborativo mesmo.

Giovana - Como a banda procura incorporar o estilo do brega em seus figurinos?

Luísa - Então, a gente tenta não fazer também uma coisa muito forçada, assim, estereotipada, né? Então, a gente não se prende muito a isso. Eu acho que essa coisa do bregapunk tá muito na atitude e no estilo mesmo de cada um, nos cabelos coloridos, nos piercings, nos acessórios, né? Acho que tem muito a ver com a atitude também, assim... A gente acaba experimentando muita coisa diferente e as pessoas percebem que a gente tá sempre experimentando, mas ao mesmo tempo veem que existe um estilo ali. Cada um tem um estilo muito próprio, assim, que forma a banda. Então, é mais por aí... A gente pensa num... Pensa não, né? Mas eu acho que o estilo da banda tá muito nesse lugar, assim, da atitude mesmo e nesses detalhes, da beleza, do cabelo e tal, num estilo.

Giovana - Existe alguma diferença no processo de escolha dos figurinos para uma gravação e para um show ao vivo? Quais seriam?

Luísa - Então, no geral, esse lance da banda se movimentar muito no show, né, a gente tem que prezar pelo conforto também, assim, né? Às vezes a gente sobe no palco, assim, um pouco mais montado e tal, chega no meio do show, já não tem mais óculos, já não tem mais chapéu, as coisas vai se desmanchando um pouco. E tem esse lance do calor, assim, de não ser uma roupa muito quente, muito abafada, por mais que esteja frio, no meio do show acaba ficando muito quente, né? Mas, mesmo assim, por exemplo, essa roupa de elixir os meninos conseguiram bancar, manga comprida em natal e tal, porque era aquilo e eles conseguiram... Mas, por mais que sejam roupas fechadas, minimamente um tecido que dê pra respirar, um

tecido um pouco mais leve, enfim. E, assim, falando de shows, tem shows e shows... Tem shows que a gente consegue entregar um figurino mais elaborado... Eu consigo botar um cabelo, botar uma unha... Tem shows que a gente faz em espaços menores, em esquemas de cachê diferentes, onde a gente acaba não conseguindo fazer o aluguel de uma roupa ou contratar um *stylist* ou fazer a lavagem, pegar emprestado, fazer todo esse corre, às vezes não tem tempo. Então, tem vezes que é uma coisa mais improvisada mesmo. E, quando é show de festival, quando é uma coisa mais assim, a gente tenta elaborar mais. E, nos vídeos, a gente tenta fazer uma direção de arte mínima ali... Dependendo da proposta, a gente acaba podendo também ousar mais em coisas ali, em *takes* mais rápidos, onde dá para usar uma coisa que, de repente, no show não daria, num videoclipe. E aí tem as *live sessions*, que são praticamente como fosse um show, que também é importante prezar por esse lance do conforto. A gente já aconteceu de gravar uma *session*, várias músicas, e o integrante está passando muito calor e não conseguir entregar uma performance que ele gostaria.

Giovana - Com o lançamento recente de Elixir foi possível ver a denominação principal da banda como bregapunk, como vocês definem este termo?

Luísa - A gente mistura muitas coisas, né? A gente não faz só brega e punk, a gente nem faz música punk, né? Assim, bregapunk é um termo que surgiu, assim, que eu acho que a gente tá usando muito por ser algo novo e por ter muito a ver mais com uma questão de atitude e com o nosso show do que especificamente, simplesmente, com o estilo musical desse disco, né? A gente já falava sobre bregapunk antes desse álbum, a gente já fazia nos shows essa mistura, a gente já vem experimentando com isso, trazendo os pesos da guitarra para as músicas, para os fonogramas que foram lançados e fazendo arranjos diferentes ao vivo e explorando uma performance também mais catártica, mais enérgica, né? Então, não necessariamente bregapunk está atrelada ao disco, assim, é uma experimentação atemporal mesmo que tem muito a ver com a nossa presença de palco e com a nossa experimentação ao vivo, assim, né? Com os shows e tal. É um momento, assim, do show ali, do final do show, que viralizou, alguns vídeos viralizaram na internet desse momento, assim. E aí a gente já falava, já brincava que fazia bregapunk e não sei o que, a gente resolveu realmente assumir isso até como estratégia mesmo, assim, de trazer mais atenção mesmo, aproveitar esses vídeos que estavam viralizando e tudo mais e carimbar mesmo essa marca, assim, né? Tem mais a ver também com toda essa semiótica, assim, que pode rodear essa possibilidade da banda estar criando um estilo novo, né? Mas a gente faz muito mais que isso, né? A gente faz forró, a gente faz reggaeton, a gente faz muita coisa. Mas eu acho que a gente tem muita dificuldade de definir a banda e eu acho que o brega punk é uma maneira interessante de definir a banda, assim, porque é, quem vai no show entende tudo.

Giovana - Em Santa Catarina, onde é produzida esta pesquisa, nota-se que o brega não tem tanto reconhecimento quanto no Norte e Nordeste do país. Nas apresentações da banda na região Sul, vocês sentem uma diferença na recepção do público?

Luísa - Eu acho que esse lance do Sudeste, do Sul, do Sul e do brega e tal, eu acho que é

normal. Acho que não é nem a ver com reconhecimento, acho que tem a ver com distanciamento mesmo. Muito do que a gente diz que é o brega tem muito a ver com a música nortista e nordestina... Mas não somente... Acho que tem muita coisa do sertanejo que tem a ver com os primórdios do brega, o brega mais antigo. O próprio vaneiro, o vaneirão, que vem do Sul... Ele foi um dos *starters*, uma das coisas que se tomou de referência para o piseiro existir hoje em dia... No jeito de cantar... Mas acabou que virou outra coisa... Então, ao mesmo tempo, acho que a galera do Sul recebe muito bem, porque é muito diferente. E a gente, por fazer um brega mais repaginado, mais descolado, a gente consegue acessar também até uma galera que é público do *indie*, que é público de bandas, de rock também. Porque a gente tem essa consciência de que a gente faz uma coisa diferente... A gente faz um estilo muito próprio. A gente tem essas referências fincadas nas várias vertentes do brega, desde o bregafunk até o tecnobrega, o brega mais antigo, o bolero, a bachata, a música latina. Mas a gente faz uma coisa diferente também, pop, *indie* pop e tal. Então, a gente sente que também tem essa abertura por causa disso... E é massa porque a gente consegue também, dentro das nossas pesquisas e da maneira como a gente divulga nossas referências, a partir do momento que a gente consegue se inserir em alguns mercados e acessar certos espaços e lugares, cidades, as pessoas que começam a nos acompanhar começam também a ter acesso a toda essa bagagem nossa... A gente vai conseguindo também abrir espaço para todo esse universo muito rico, que pode ser a cultura brega ou a música brega, que é muito diversa também... E tem tudo a ver com o Brasil. Então, de um jeito ou de outro, existe uma identificação de alguma forma... Mas é claro que é diferente porque as pessoas, muita gente não cresceu ouvindo isso, não existe uma identificação, uma coisa afetiva de infância. A gente que é do Nordeste, tem músicas que a gente canta que trazem nostalgia e trazem uma emoção que essas pessoas não sentem. Mas existe uma abertura de uma parcela dessas pessoas, mas que está muito a ver com a coisa mais alternativa, a galera com a cabeça mais aberta... E no Nordeste e no Norte, o brega, o forró, são músicas que fazem parte da... É uma coisa mais hegemônica, digamos assim. Está na rádio, está... Mas acho que todo canto tem a sua música brega, ou tem aquela música de boteco, aquela música que, sei lá, em algum lugar pode ter a ver também, mas com suas especificidades culturais mesmo de cada lugar.

Giovana - Dentro dos 4 álbuns de estúdio da banda podemos ver uma combinação de diferentes influências musicais, hoje tem alguma influência que é a mais forte nos projetos?

Luísa - Então, a banda Luísa e os Alquimistas é uma coisa meio híbrida, né? Existe essa coisa de ser uma banda, de ser um grupo, e existe um protagonismo também muito forte meu, né? Tanto é que é Luísa e os Alquimistas. Então, todos esses tempos, assim, eu que venho propondo muita coisa em relação a essas experimentações... E não é à toa da gente ter chegado nessa coisa do bregapunk... A gente segue sendo muito diverso e eclético, mas como eu estou num processo também de construir uma carreira solo, depois de todas essas experimentações, essas vivências, eu acho que está no momento, sim, da gente afunilar um pouco mais, o que é o nosso som... E se aprofundar mesmo no que pode ser o bregapunk, assim, sabe? Nessas possibilidades. Eu acho que o futuro da banda tem muito a ver com isso, mas muito pelo fato de eu poder também extravasar e conseguir fazer coisas mais pro pop e pro reggaeton e pro latino, que eu já vinha fazendo com a banda, mas trabalhar isso na minha carreira solo. Então, a partir do momento que surge uma carreira solo minha, onde eu vou

conseguir também experimentar muitas coisas, a banda já chegou num processo de maturidade e de identidade musical, onde essa coisa do bregapunk vai apontando caminhos, sim. E a gente está bem atento, assim, porque existe um termômetro do público, e existe uma empolgação e um sabor de novidade, de frescor, e é muito legal, a gente ter essa consciência também de que a gente está marcando a música, a história da música brasileira de uma forma muito autêntica. E acho que trazer essa coisa do bregapunk, assim, como um marco da nossa história, como um feito, né? Eu acho que mais na frente, pensando, assim, na história mesmo, acho que vai ser bem interessante. Também pensando no futuro, assim, sabe? O silêncio do bregapunk voltando. Mas eu não sei se existe uma influência mais que outra, eu acho que tudo que leva pra uma coisa mais dançante e catártica é forte, saca? O primeiro álbum da banda tinha uma coisa mais psicodélica, mais viajante, mais viajeira, muito vindo de mim também. Conforme os anos foram passando e a gente foi criando álbuns, a experiência do show veio trazendo um peso no som... E esse peso geralmente está muito atrelado à música nordestina, nortista, e o peso das guitarras. Mas tem um forte lance da música latina, né? Por aí vai... Então é difícil, é bem difícil. Por isso que a gente inventou esse negócio de bregapunk, porque a gente faz muita coisa diferente mesmo, é muito misturado... A gente realmente está experimentando e a gente acha que sim, que esse experimento da mistura está possibilitando o surgimento de coisas novas. Isso não só com a gente, né? Muitos gêneros musicais novos surgem assim. Pega uma coisa dali, pega outra daqui. Então a gente está empolgado com esse processo de experimentação.